



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7145 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT20 - Psicologia da Educação

TRAJETÓRIAS ESCOLARES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESCOLA PÚBLICA DE ESTUDANTES DA UFPE

Laêda Bezerra Machado - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

trajetórias escolares e representações sociais de escola pública de estudantes da ufpe

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho, decorrente de uma pesquisa mais ampla, tem como objetivo analisar as representações sociais de “escola pública” tomando por base as trajetórias escolares de universitários, egressos de escolas públicas, matriculados nos Centros de Ciências Humanas, Filosofia, Artes, Comunicação, Jurídicas e Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Em virtude do caráter valorativo atribuído por professores à aprendizagem e a possibilidade de transformação das pessoas, proporcionados pela escola pública, este trabalho toma como objeto de estudo a escola pública em sua dimensão simbólica. Em outras ocasiões (Machado, 2011; Machado e Freire, 2014) investigamos as representações de escola construídas por crianças em processo de formação na escola pública. Esses estudos indicaram que, nas representações de crianças, a escola constitui um espaço de preparação para o mundo do trabalho, via de ascensão social. Neste trabalho enfocamos a dimensão simbólica de escola pública para outro grupo, ou seja, jovens que lograram sucesso na educação básica oficial e na atualidade são estudantes da UFPE.

Na produção científica sobre a escola pública identificamos alguns trabalhos que enfocam essa dimensão subjetiva. Rosa (2015) estudou as representações sociais de alunos do nono ano do ensino fundamental sobre escola pública e escola particular do município de Londrina (PR). Os resultados mostraram representações de escola particular como a mais valorizada e a escola pública foi representada como problemática com dificuldades de infraestrutura, recursos e atitudes profissionais.

Ao investigar as representações sociais de escola de alunos do ensino fundamental em

Campinas-SP, Lima (2014) constatou que a escola é representada como um lugar privilegiado para a aquisição do conhecimento, espaço de relações e brincadeiras, além de preparatória para o mercado de trabalho.

A pesquisa de Ponte (2005) centrou sua análise nas representações sociais da escola pública apreendidas nos jornais impressos de grande circulação de Teresina-PI nos anos de 1960, 1970 e 1980. O trabalho constata a visível mudança de representação social da escola pública ao longo das três décadas analisadas. Enquanto na década de 60, tem-se uma representação positiva, na década de 70 observa-se o início de sua decadência e na década de 80 a escola pública perde o seu prestígio.

Considerando a produção científica sobre a escola e entendendo que o sucesso escolar dos estudantes é o que mais tem encorajado o professor de escola pública a permanecer na docência, este trabalho procura responder a seguinte questão: quais representações sociais de ‘escola pública’ se expressam no decurso das trajetórias de estudantes matriculados em cursos dos Centros de Ciências Humanas, Filosofia, Artes, Comunicação, Jurídicas e Educação da UFPE?

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa que deu origem a este trabalho está fundamentada na Teoria das Representações Sociais (TRS). Desenvolvida originalmente por S. Moscovici (1978), a TRS constitui um campo gerador de debates, intercâmbios, consensos e dissensos no âmbito da Psicologia Social. Representações sociais são construções coletivas, multifacetadas, relevantes e constituintes dos elementos cognitivos, afetivos, simbólicos e de valores que são geradas em situações de interação social.

A TRS constitui um campo interdisciplinar, tem se fortalecido e hoje localizamos três tendências ou abordagens nesse campo estudos: uma culturalista, fiel ao estudo original, liderada por D. Jodelet; a abordagem societal, que se preocupa em investigar a influência dos grupos sociais na construção das representações e a abordagem estrutural, que valoriza e investiga a estrutura e o conteúdo de uma representação. Nesta investigação adotamos a vertente estrutural.

Na vertente adotada, as representações sociais constituem um sistema de interpretação da realidade que determinam os comportamentos e práticas dos sujeitos. Abric (2003 p. 28) considera as representações como uma visão funcional do mundo, que permitem ao indivíduo ou ao grupo “dar sentido às suas condutas e compreender a realidade através de seu próprio sistema de referências”. O autor ressalta que toda representação constitui um sistema que rege as relações dos indivíduos determinando seus comportamentos e suas práticas sociais. Podemos assim admitir que as práticas são reflexos dos significantes sociais das representações. Ao analisarmos as trajetórias escolares de estudantes damos ênfase as práticas dos sujeitos na escola pública.

3 METODOLOGIA

Desenvolvemos um estudo de natureza qualitativa delineado como estudo de campo do qual participaram 15 estudantes que cursaram toda a educação básica, exclusivamente, em escolas públicas e estão matriculados em cursos de graduação nos Centros de Ciências Humanas, Filosofia, Artes, Comunicação, Jurídicas e Educação da UFPE.

O grupo de participante tem a seguinte composição: um estudante dos cursos de Teatro, Arquitetura e Urbanismo, Licenciatura em Matemática, Biblioteconomia, Design, Cinema, Expressão Gráfica, Ciências Sociais; dois estudantes de Psicologia; três de

Pedagogia; e dois alunos do curso de Direito. Dos participantes, 13 utilizaram do sistema de cotas para o ingresso na UFPE. Do grupo pesquisado, 10 são do gênero masculino e 5 do gênero feminino. Dentre os sujeitos, sete estudantes concluíram o ensino médio em escolas públicas regulares e oito em escolas de referência em ensino médio no estado.

Utilizamos para coleta de dados a entrevista narrativa. De acordo com Jovchelovitch e Bauer (2012, p. 91), narrar significa contar histórias sobre si mesmos e “[...] contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal”. Para os autores, ao contá-las, nos constituímos e damos sentido às experiências que vivemos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Organizamos o *corpus* das narrativas de modo a destacar as representações sociais da escola pública na trajetória dos estudantes. Da análise das entrevistas foram identificados os seguintes eixos de sentido: *poucas lembranças da escola nos anos iniciais, problemas relacionados à infraestrutura, espaço de convivência, atividades extracurriculares variadas, acesso a escolas de referência e incentivo ao ingresso no ensino superior*. Esses eixos constituíram os elementos mais recorrentes e relevantes nas práticas dos sujeitos durante seu percurso escolar.

Destacamos que a maior parte das narrativas considera o início da escolarização a partir do ensino fundamental, tendo em vista que nove estudantes omitem ou relatam *breves* episódios dos anos iniciais de escolarização. Uma das participantes relata: “Eu não tenho muita lembrança da educação infantil, mas eu fiz creche, tudo aquilo, mas aí eu era muito novinha. Minha mãe precisava trabalhar naquela época.” (Maria-Pedag.). Outros depoimentos, também, destacam: “as mais remotas memórias que eu tenho em relação foi da creche, e eu não lembro muito da qualidade e tal, mas eu gostava” (Bruno-Psicol); “Com 3 anos, iniciei na Educação Infantil numa Escola Municipal próximo a minha casa (...) não lembro de muitos acontecimentos dessa época e também não tenho registros para recordar, nem fotos” (Manuela-Pedag.).

Depreendemos que as poucas referências dos sujeitos no que se refere à pré-escola sugerem que o processo de escolarização propriamente dito inicia-se com o ingresso no ensino fundamental. Este dado pode estar relacionado à precariedade da oferta de educação pelos municípios e ao acesso tardio da população à educação infantil.

Ressaltamos que, no período inicial de escolarização dos participantes, a educação infantil não se constituía como um direito subjetivo da criança e a sua oferta era escassa. Segundo Cury (2002), no Brasil, no início da primeira década dos anos 2000, para as crianças mais ricas, a pré-escola já se encontrava universalizada, porém, para as mais pobres isto não acontecia.

Dentre as referências à escola pública ganharam destaque aspectos relacionados à *infraestrutura* das escolas presentes nas narrativas de 11 entrevistados. Ao se referirem a este aspecto, os estudantes ressaltam o espaço em que a instituição se localizava, as condições de manutenção e a escassez de recursos. Afirmou um participante: “Tinha momentos que quando chovia, alagava a escola, infiltração e choque. (...) As escolas que estudei esse problema estrutural sempre”. (Wellington-Bibliotec.).

As narrativas revelam que, diante da precariedade de condições estruturais e materiais das escolas, as possibilidades de êxito no ingresso no ensino superior eram desafiadoras. Sobre isto afirmou um dos sujeitos: “Como era uma escola muito periférica é muito difícil você vê alunos saindo de lá e indo para uma universidade, principalmente uma pública”

(Wellington-Bibliotec.). Os entrevistados reiteram que o contexto de precarização das escolas pode contribuir para falta de perspectivas dos estudantes de escolas públicas.

De modo semelhante ao que identificamos, o bom desempenho de estudantes na escola pública em contextos desfavoráveis à escolarização foi indicado por Zago (2000) em pesquisas realizadas com filhos de famílias baixa renda. Nesse sentido, os relatos dos entrevistados sugerem que os problemas de infraestrutura e a falta de investimento nas escolas públicas comprometem a qualidade da educação e influenciam negativamente o desempenho e dificulta o ingresso no ensino superior.

Nas narrativas a *convivência social* no espaço escolar caracteriza-se como um marcante elemento nas trajetórias escolares dos sujeitos. Segundo eles, a escola proporciona o convívio diário com outras pessoas jovens e adultas, possibilita o estabelecimento de interações e fortalece laços afetivos com colegas e professores.

Em consonância com o que identificamos, Franco, Lucci e Infante (2011) afirmam que a escola não é apenas um espaço de aprendizagem e aquisição de conhecimentos, mas fonte de interação social. Seus sujeitos a destacam como lugar de fazer amigos. Também Santos, Nascimento e Menezes (2012), frisam a importância das interações sociais na escola.

Apesar disso, aspectos negativos da convivência escolar foram frequentes nas narrativas da maioria dos estudantes (09), que revelam indícios de violência no ambiente escolar, uso de drogas, atitudes de preconceito por parte de outros alunos e de professores. Conforme os estudantes, a escola pública é, por vezes, representada como um ambiente inseguro e hostil.

Em suas narrativas sobre a escola pública, os estudantes destacam a postura de professores e da gestão para lidar com esses problemas, caracterizando-os como ora omissos, ora solidários e responsáveis em suas ações. Afirmou uma participante: “[...]Eu sempre achei uma omissão grande da gestão no que tange a isso.” (Maria-Pedag)

Os depoimentos revelam atitudes antagônicas em relação à escola. Para um menor grupo de estudantes (04), a escola constitui-se como um ambiente que propicia relações de amizade, aprendizagens, diálogo e boa convivência. Já para a maior parte dos entrevistados (09), a escola pública é um espaço de relações agressivas. Segundo eles, a violência presente nesse ambiente pode ser um elemento responsável pelo desestímulo pelos estudos. Convém ressaltar que apenas dois dos estudantes não abordaram em suas narrativas aspectos relacionados à escola como um espaço de convivência social. A esse respeito, Giordani, Seffnere e Dell'Aglio (2017), ao investigarem o fenômeno da violência escolar, revelam que a violência escolar se manifesta de diversas formas e os sujeitos não dispõem de ferramentas suficientes para o seu enfrentamento.

A partir das narrativas detectamos que, apesar das dificuldades vivenciadas, os estudantes reconhecem o trabalho pedagógico realizado pela escola pública. Eles ressaltaram desenvolvimento de atividades extraclasse, cursos de curta duração, esportes e outras atividades que contribuíram para seu processo formativo. A esse respeito afirma um participante: “[...] a escola não era só a sala de aula, existia outros projetos... Tinha robótica, horta então eu acho que foi uma diferença crucial”. (Anderson-Direito)

A escola pública proporciona o envolvimento dos estudantes em projetos para além da sala de aula. Em 11 narrativas foi evidenciado que as atividades extracurriculares favorecem o desenvolvimento em vários aspectos. Elas favorecem e incrementam a formação. Confirmando os achados, Silva e Ehrenberg (2017) revelam que as iniciativas extracurriculares beneficiam a formação nos diferentes domínios, habilidades e competências.

Outro aspecto que ganhou destaque nas narrativas foi o *tipo de escola* que os estudantes frequentaram ao longo do ensino médio. Do grupo pesquisado, sete sujeitos concluíram o ensino médio em escolas regulares e oito em Escolas de Referência (EREM). Os depoimentos indicam que o *acesso a escolas de referência* é considerado como uma alternativa à educação e formação de melhor qualidade, principalmente para os estudantes residentes de cidades do interior, que revelam assumir uma rotina diária mais cansativa de estudos. Aliada à possibilidade de oferecer melhor formação, os estudantes destacam aspectos relacionados à *infraestrutura das escolas* de referência que, segundo eles, supera às regulares do ensino fundamental nas quais estudaram. Sobre a qualidade dessas instituições Holanda e Silva (2017) que investigaram a proposta de melhoria de ensino e qualificação profissional do Programa de Educação Integral em Pernambuco, informam as escolas de referência apresentam resultados superiores quando comparadas às escolas regulares.

O último eixo a ser considerado é o *incentivo da escola ao ingresso em curso superior*. Os estudantes destacaram informações adquiridas a respeito do funcionamento da universidade, cursos, exames e viabilização do sistema de cotas como instrumento facilitador do acesso. Do conjunto de estudantes entrevistados, sete destacam os aulões, simulados e redações como as principais práticas para ingresso na educação superior.

Vale salientar que, apesar do incentivo e acesso as informações oferecidas pela escola pública, 11 estudantes comentam que precisaram recorrer a cursos pré-vestibulares para concorrerem com maiores condições de preparo a uma vaga na universidade. Mesmo com o trabalho pedagógico da escola e o benefício oferecido pelas cotas sociais ainda é preciso recorrer a essas estratégias.

Assim como indicamos, a partir das trajetórias analisadas, o estudo de Lima e Fernandes (2008), sobre as representações sociais de alunas de pedagogia acerca de suas trajetórias escolares, revela a capacidade superação dessas estudantes. A superação se manifesta na resistência aos problemas estruturais das escolas públicas e a busca de alternativas que garantam oportunidades de crescimento acadêmico. Segundo os autores, o ingresso na educação superior constitui-se como uma vitória para esse grupo.

Entendendo representações sociais como uma construção coletiva da realidade (JODELET, 2001) e, a partir das narrativas, depreendemos que as representações sociais de escola pública construídas do grupo são marcadas pelos seguintes aspectos: convivência e aprendizagem, acesso a escolas de referência, incentivo e preparação para o ingresso na educação superior e capacidade de superação das dificuldades.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo principal analisar as representações sociais de escola pública, tomando como referência as trajetórias de universitários, egressos de escolas públicas. Conforme os achados o nível de contribuição da escola pública não é considerado suficiente para garantir o acesso ao ensino superior, devido às condições de ensino e infraestrutura das instituições.

As representações de escola pública encontram-se diretamente relacionadas às práticas nesses espaços. A escola pública é um espaço de aprendizagens e convivência, marcada por relações afetivas e por situações de violência no seu interior. Apesar disso, os estudantes não negam o papel formativo exercido pela instituição.

Os resultados reiteram a importância da escola pública na trajetória de estudantes de

baixa renda que lograram sucesso escolar. Os achados sugerem a necessidade de políticas educacionais mais efetivas direcionadas à escola pública, de modo que ela possa garantir melhores condições de ensino e aprendizagem à população dela usuária.

REFERÊNCIAS

- ABRIC, J. C. Abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes. In: CAMPOS, P. H. F.; LOUREIRO, M. C. da S. (Orgs.) **Representações sociais e práticas educativas**. Goiânia: Ed. UCG, 2003.
- CURY, C. R. J. Direito à educação: direito à igualdade, direito à diferença. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 245-262, jul. 2002.
- FRANCO, M.L. P; LUCCI, M.A; INFANTE, A. M. Representações sociais e habilidades de vida de alunos de escolas estaduais do Município de São Paulo/Brasil. Trabalho apresentado no Congresso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología. ANAIS do... Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2011.
- GIORDANI, J. P.; SEFFNER, F.; DELL'AGLIO, D. D. Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública. **Psicologia Escolar e Educacional**. vol.21 nº1 Maringá Jan./Apr. 2017
- HOLANDA, E. A de; SILVA, K. N. P. Escolas de tempo integral do Estado de Pernambuco – uma análise do cumprimento do objetivo de melhora da qualidade do ensino médio e qualificação profissional dos estudantes. **Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica**, Recife, v.3, n.1, p. 276-283, 2017. CAp UFPE
- JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001
- JOVCHELOVITCH, S; BAUER, M. Entrevista narrativa. In: BAUER, M e GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis. Vozes. 2012 12ª Ed. p. 90-113.
- LIMA, C. V. B. **Representações sociais da escola em produções de alunos do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado em Educação) – UNICAMP. Faculdade de Educação, 2014.
- LIMA, R. C. P.; FERNANDES, M. C. S. G. Representações sociais de alunas de pedagogia sobre suas trajetórias escolares. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 12, n. 3, p. 215-25, set./dez. 2008.
- MACHADO, L. B. A dimensão simbólica de escola para crianças. **EccoS**, São Paulo, n. 25, p. 134-158, jan./jun. 2011.
- MACHADO, L. B. FREIRE, S. B. Escola e aprendizagem para crianças em situação de sucesso escolar. **Roteiro**, Joaçaba, v. 39, n. 1, p. 149-166, jan/jun. 2014
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.
- PONTE, M. G. F. **As Representações Sociais da Escola Pública nos Jornais de Teresina (1960 – 1989)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí. Teresina – PI, 2005.
- ROSA, S. A. **Representações sociais de alunos de rede pública estadual de ensino sobre**

escola, escola pública e escola particular. Dissertação (Mestrado em Educação). UEL. Londrina-PR 2015.

SANTOS, R. M.; NASCIMENTO, M. A.; MENEZES, J. A. Os sentidos da escola pública para jovens pobres da cidade do Recife. **Revista Latinoamericana de Ciências Sociales, Niñez y Juventud.** n.10 v.1, 2012, 289-300.

ZAGO, N. Quando os dados contrariam as previsões estatísticas: os casos de êxito escolar nas camadas socialmente desfavorecidas. **Revista Paidéia,** FFCLRP-USP. Ribeirão Preto, jan/julho/2000.
